

ELOGIO AO PROFESSOR ROBERTO ARAÚJO DE OLIVEIRA SANTOS, POR OCASIÃO DA POSSE DA SÓCIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ, AURILEÁ ABELÉM, FUNDADORA DA CADEIRA N. 44.

Auriléa Gomes Abelem¹

Grande é a honra de passar a fazer parte do quadro de sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Honra maior pela distinção de fundadora da cadeira nº 44, cujo patrono é Roberto Araújo de Oliveira Santos.

Honraria que me remete ao tempo de estudante em que, como aluna do curso de Ciências Sociais, conheci e passei a admirar o prof. Roberto Santos que ministrava disciplinas de Economia. Em outubro de 1964, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras comemorou seu primeiro decênio com uma programação de painéis. Designada para colaborar no painel sobre “Alguns Problemas do Crescimento de Belém”, ainda que apenas apresentando o álbum seriado como apoio à fala de Roberto, longe estava de supor que provavelmente aí iniciasse meu interesse e fascínio pelos estudos urbanos, desenvolvidos mais tarde na pós-graduação. Em 1966, indicamos Roberto Santos para ser homenageado como paraninfo da turma de Ciências Sociais que concluía seus estudos.

Ingressei, através de concurso público, no magistério superior da Universidade Federal do Pará (UFPA), após ter trabalhado por oito anos no Instituto do Desenvolvimento Econômico e Social do Pará (IDESP), no qual Roberto Santos foi protagonista. No IDESP, como assessora de Amilcar Tupiassu, participei da equipe de coordenação do Convênio SERFHAU/IDESP² para elaboração de Relatórios Integrados de Planejamento Urbano de sete municípios paraenses, e da implantação do embrião do Sistema de Planejamento Estadual, fazendo parte da equipe de coordenação que implantou as Unidades de Planejamento nos órgãos de administração direta e indireta do Estado. Já na condição de professora concursada da UFPA, cursei o mestrado em Planejamento do Desenvolvimento do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (PLADES/NAEA), que depois cheguei a coordenar. Roberto Santos fazia parte do quadro de magistério do NAEA. Em várias ocasiões, portanto, seja como aluna, como técnica e como professora, tive a grata satisfação de conviver com ele.

¹ Socióloga. Mestra em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA). Professora aposentada da UFPA.

² Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU). Autarquia federal responsável por políticas de habitação, extinta na década de 1970.

Meu caminho profissional foi entrelaçado de teoria e prática que permitiram percorrê-lo focada em pesquisa, planejamento e avaliação de políticas públicas urbanas, em que as noções de espaço e tempo são fundamentais.

Espaço e tempo que me retornam à figura de Roberto Santos. Nascido em dezembro de 1932, falecido em 24 de junho de 2012, deixando vasta contribuição para entendimento das relações sociais e de trabalho no Brasil e, particularmente na Amazônia. Versátil, com visão multi e interdisciplinar dos problemas sociais, sempre se destacou nos caminhos que trilhou, seja na condição de estudante secundarista ou universitário, seja como profissional, costurando com desenvoltura várias áreas do conhecimento, do Direito à Economia, passando pela Sociologia e História.

De acordo com o Prof. Orlando Silva³, com o qual passou a desenvolver estreita amizade a partir de 1944, Roberto se destacava dentre os melhores alunos no Ginásio do Colégio do Carmo e depois no Curso Clássico do Colégio Estadual Paes de Carvalho.

Bacharel em Direito, turma de 1955, exerceu com brilhantismo a advocacia até 1963, quando então ingressou por concurso público na magistratura da Justiça do Trabalho, classificado em primeiro lugar. Antes disso, participou da Comissão de Planejamento da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), presidindo em 1961, a Subcomissão de Desenvolvimento Cultural.

Nomeado Juiz Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Capanema, lá permaneceu até 1967, quando foi removido para a 2ª. Junta de Conciliação e Julgamento, em Belém. Em 1968 foi promovido por merecimento a Juiz Togado do Tribunal Regional do Trabalho da 8ª. Região, assumindo a vice-presidência no biênio 1980/1982.

Presidente do TRT, no biênio seguinte, “teve uma das mais brilhantes carreiras na magistratura trabalhista brasileira”⁴, chegando a Vice-Presidência da Associação Nacional de Juízes da Justiça do Trabalho. Segundo seus companheiros de toga, uma de suas maiores obras enquanto Presidente do TRT-8 foi a realização do Curso de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados, inspirado na Escola Nacional da Magistratura da França, em nível de especialização e em convênio com a UFPA.⁵ A primeira turma em 1984 pode ser considerada, segundo o Desembargador Vicente Malheiros da Fonseca, o embrião da Escola Judicial,

³ Em seu blog Tempo-Espaço e Memória, Orlando Sampaio Silva, Professor Titular da UFPA, Doutor em Ciências Sociais / Antropologia presta homenagem ao amigo e colega ROBERTO SANTOS, em 02/08/2012.

³ Instituto de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Pará: Nota de Falecimento – Dr. Roberto Araújo de Oliveira Santos, publicado em 25 de junho de 2012.

⁵ Vicente Malheiros da Fonseca, desembargador (decano) do Tribunal Regional do Trabalho (TRT-8). Pequena elegia a Roberto Santos, postado em 2012/06/26.

imprescindível para a formação e o aperfeiçoamento dos magistrados, implantada no Brasil vinte anos depois, com a Emenda constitucional de nº 45/2004 que dispõe sobre a Reforma do Poder Judiciário.

Roberto Santos dá destaque especial a um item em seu currículo, por ocasião de sua candidatura a sócio efetivo do IHGP, em 1991, quando assumiu a cadeira nº 2, em substituição a Arthur Napoleão Figueiredo, cujo patrono é Alexandre Rodrigues Ferreira. Diz respeito ao seu célebre despacho que iniciou o processo de recuperação da Instituição Santa Casa de Misericórdia do Pará e seu filantrópico hospital, publicado na mais prestigiosa revista de Direito do Trabalho do Brasil⁶. Declara Roberto que depois de resumir a decisão que avocou centenas de reclamações trabalhistas, decretou a penhora geral da instituição e nomeou uma comissão de depositários administradores para salvar a entidade, mas sem prejuízo dos trabalhadores, o editorial da revista comenta:

“... elevado alcance social daquele brilhante despacho, cuja orientação deverá ser seguida em casos análogos e que devem estar acontecendo, com muita frequência, principalmente com as entidades filantrópicas, espalhadas por todo o território nacional ...”

“Parabéns ao eminente Presidente (...) por sua corajosa e brilhante atuação. Que a semente por ele plantada germine, aqui e acolá, pois atitudes como esta, se mais frequentes, ajudarão a repor o Judiciário no lugar de destaque que merece” (Comentário mais do que nunca pertinente para os dias de hoje).

Roberto ressalva ainda que a administração nomeada para o hospital e acompanhada por ele logrou superar a crise. O saneamento da instituição foi considerado concluído em 1984. Seu currículo registra outras distinções e prêmios recebidos:

- Medalha Comemorativa do I Centenário de Nascimento do Dr. Augusto Montenegro, Faculdade de Direito da UFPA, pelos relevantes serviços prestados ao ensino superior, Belém, 1967;
- Ingresso na Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, no grau de Comendador, por Resolução do Tribunal Superior do Trabalho, 11/08/1980;
- Ingresso na Ordem do Mérito Cabanagem, no grau de Mérito Especial, por resolução da Assembleia Legislativa do Estado do Pará, em 07/01/1985;
- Medalha do Mérito “Francisco Caldeira de Castelo Branco”, pela Prefeitura Municipal de Belém, em 08/01/1985;

⁶ Edição de abril de 1983, LTR – Legislação do Trabalho (vol. 47, n. 4, pp 389-390, São Paulo).

- Ordem do Mérito do Grão-Pará, no grau de Comendador, Governo do Estado do Pará, 12/03/1987 e
- Medalha do Mérito “Jus et Labor”, no grau de “Serviços Relevantes”, pelo TRT-8ª. Região de 30/06/1988.

Roberto aposentou-se como juiz em 5 de outubro de 1990. Na UFPA, em 1981 foi professor de Fundamentos Econômicos do Direito, no Curso de Pós-Graduação em Direito. No período de 1991 a 1993 coordenou o Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD), do então Centro de Ciências Jurídicas da UFPA e lecionou a disciplina Sociologia do Direito nesse curso.

Mas, não foi apenas na área de Ciências Jurídicas que Roberto desenvolveu suas atividades. Ingressou, em 1958, a convite, como professor catedrático na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Pará (FFCLPA), onde passou a ministrar as disciplinas de Economia e de História das Doutrinas Econômicas. Em ambas fui sua aluna, em 1963 e 1964. No período de 1977 a 1980 foi professor do mestrado em Planejamento do Desenvolvimento do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, mesmo período em que cursei o mestrado do NAEA.

Na condição de professor de disciplinas econômicas Roberto Santos cursou Mestrado em Economia na Universidade de São Paulo (USP), defendendo sua dissertação em 1977, sendo aprovado com distinção e louvor. Orlando Sampaio Silva, seu amigo e companheiro de trabalho e lutas, testemunhou que ao final do exame, após a defesa, o professor presidente da Banca Examinadora e Orientador lamentou não poder conceder ao mestrando o título de Doutor em Economia, tal a qualidade do estudo apresentado. Em 1980 seu trabalho foi publicado, sob o título “História Econômica da Amazônia (1800 -1920)” pela Editora Paulista T. A. Queiroz Editor Ltda. e tornou-se uma referência para os pesquisadores e estudiosos interessados em relações econômicas e sociais na Amazônia, com destaque para as relações de trabalho.

Várias de suas obras foram publicadas, dentre as quais destaco: Problemas do Emprego em Belém, Cadernos Paraenses nº 2, IDESP, Belém, 1966; Leis Sociais e Custo de Mão-de-Obra no Brasil, Ed. Ltr, São Paulo, 1973; O Processo Histórico da Integração Capitalista da Amazônia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas-NAEA-UFPA, Cadernos, 1981.

Mas, sem sombra de dúvida, no campo da História, Economia, Sociologia e Política é seu trabalho sobre a História Econômica da Amazônia que mais se destaca. Referência até hoje para aqueles que estudam políticas de desenvolvimento da Amazônia e suas relações de poder. Roberto inicia seu livro chamando atenção ao impressionante crescimento econômico na região durante o século XIX e o desafio de seu entendimento. Aponta para o fato de que volumoso refluxo de renda era encaminhado para o exterior e outras regiões do Brasil, não sendo investidos localmente. Fenômeno até hoje presente nas relações capitalistas periféricas na

Amazônia. Através do conceito de aviamento, lança luzes nas condições de exploração do trabalho nos seringais, no endividamento permanente do aviado, no lucro do capitalista externo, no papel desempenhado pelas casas aviadoras e na imensa rede espacial que vai sendo tecida através dos rios, à medida que a busca pelos produtos vai penetrando o interior da Região.

Na introdução, o autor revela não ter conseguido satisfazer sua curiosidade, cada vez maior, pela história na região. Que curiosidade seria essa? “... *do poder real, da origem e relações das elites entre si, dos nexos entre a produção econômica, o mando político e os modos ou condicionantes institucionais da distribuição do produto ...*”. Por outro lado, afirma estar convencido de que a sistematização de informações econômicas levantadas monta um cenário que permite um caminhar com maior segurança para os pesquisadores interessados no poder efetivo.

A jornalista Simone Romero, em entrevista publicada em O Liberal, no dia 12.08.2007 perguntou a Roberto Santos: “*Se o senhor fosse escrever uma segunda parte desse livro, incluindo os fatos recentes ocorridos na economia amazônica, o que destacaria?*” Os destaques a serem dados seriam outros, considerando as mudanças ocorridas e que estão ocorrendo na Amazônia, respondeu. E citou alguns, que se constituem preciosas pistas para os atuais estudiosos e pesquisadores com interesse no desenvolvimento regional: as alterações climáticas e suas consequências, considerando a interferência das mudanças do clima na forma como a economia se desenvolverá na Região; mudanças da sociedade e do homem amazônicos; as questões ambientais; os novos empreendimentos; as alterações sociais, os avanços conseguidos, os atrasos que permanecem, enfim, as mudanças no homem amazônico e as por ele enfrentadas. Nessa mesma entrevista Roberto chama atenção da continuidade de relações servis de trabalho no meio rural, originadas no passado através do fenômeno do aviamento e que sutilmente ainda hoje se mantêm em algumas localidades interioranas do Acre e do Pará. Alerta para o que de mais novo e mais terrível está acontecendo na Amazônia, a escravidão disfarçada⁷. Disfarçada em um falso aviamento, que atinge pessoas e famílias oriundas de outras regiões do país, principalmente do Nordeste.

Observa-se que o tempo não apagou sua combatividade e idealismo de estudante e professor universitário, evidenciados quando, durante a ditadura militar, teve atuação destacada na luta pela renovação de quadros dirigentes da UFPA, tanto na Reitoria como na Direção da Faculdade de Filosofia. Participou da fundação da Associação Paraense de Sociologia, com seus colegas e amigos Orlando Costa, Orlando Sampaio Silva e Amílcar Tupiassu.

⁷ Grifo da autora.

Nem tampouco abalou seu amor à arte e à cultura. Depoimentos de amigos e admiradores comprovam sua versatilidade, do piano ao cinema.⁸ A volumosa Biblioteca particular de Roberto Santos passou a integrar o Projeto Memorial do Livro Moronguêta, da UFPA, que reúne, organiza e disponibiliza Bibliotecas que pertenceram a intelectuais paraenses.

Roberto Santos formou uma parceria fantástica com sua esposa, a Dra. Elizabeth Santos, pesquisadora e Diretora do Instituto Evandro Chagas, tendo com ela cinco filhos. Os sócios do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, e eu particularmente, como primeira ocupante da cadeira, temos imenso orgulho de contar na galeria de nossos patronos com o nome de Roberto Araújo de Oliveira Santos.

Rompendo o protocolo, quero registrar o significado da escolha deste casarão⁹ para este rito de passagem como membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Casarão em que vivi com meu companheiro, Antônio Jorge, por mais de 40 anos e que já pertencia à família Abelem há mais de trinta quando aqui vim morar. O rito de posse, realizado neste local, também é em homenagem a ele, que aqui recepcionou Roberto Santos para conversas sobre o Hospital Santa Casa de Misericórdia. Homenagem que se estende ao bairro do Reduto com sua história construída por migrantes, vários deles libaneses e portugueses, que compõe a memória da periferia de Belém. Tenho registros relacionando a história do bairro e da cidade com história das famílias Ferreira Gomes, de meus avós paternos, Ramos, dos avós maternos e Abelem, que pretendo continuar resgatando na minha passagem no IHGP. Hoje, tenho orgulho de ver o casarão preservado em suas linhas básicas, gerenciado por um dos meus filhos, dando suporte a trabalhos na área de rede de computação e tecnologia da informação, demonstrando como antigo e moderno, podem subsistir, em diferentes tempos, em um mesmo espaço, preservando sua história, protagonizando tempos modernos presentes e apontando caminhos para o futuro.

Belém-Pará, 23 de setembro de 2016.

Auriléa Gomes Abelém

Sócia Efetiva do IHGP, Cadeira no 44.

Socióloga, Mestra em Planejamento do Desenvolvimento Regional

⁸ Roberto fazia parte do grupo “Os Espectadores” entre 1951 a 1956. Era um dos mais novos. Max Martins apresenta um texto em resposta a seu comentário a um filme, no livro coordenado por Pedro Veriano, “A Crítica de Cinema em Belém”, publicado em 1983 pela SECULT e editado pela Gráfica Falângola.

⁹ A autora faz referência a escolha do local de realização de sua cerimônia de posse, por ocasião das reformas no Solar do Barão, local de funcionamento do IHGP, a posse de Auriléa Abelém se deu no casarão do Reduto de São José, imóvel localizado na Rua 28 de Setembro próxima da Travessa Benjamim Constant, no bairro do Reduto de São José, Município de Belém.